



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - MESTRADO

PROGRAMA DE DISCIPLINA

|  |                 |
|--|-----------------|
| Nome da Disciplina: <b>Tópicos Especiais de Filosofia da História II</b>   | Código: 4014    |
| Professor: Dr. Wagner Dalla Costa Félix  | C/H: 60h/a      |
| Área de concentração: Filosofia  | Nível: Mestrado |
| <b>1. EMENTA</b>   |                 |
| Estudo da história mundial como objeto da investigação filosófica. Investigação do seu caráter moral, racional ou irracional, na medida em que a história é tomada como campo de realização da liberdade, seja no plano da ação política e da constituição do Estado, seja no plano da criação artística e da obra de arte. Investigação dos autores que consideram a própria natureza histórica da filosofia. A consideração especulativa da história, a crítica ao progresso da razão, a avaliação da barbárie e da civilização do mundo contemporâneo também devem ser discutidos.  |                 |
| <b>2. PROGRAMA</b>   |                 |
| Este curso têm como propósito principal examinar o percurso de Schelling da Filosofia da Arte, de 1802/1803, para a Filosofia da Mitologia, das décadas de 1840 e 1850, no que diz respeito à natureza do mito e sua relação com a arte, a religião e a história.  |                 |
| Desde o início de sua atividade filosófica, como testemunham as Cartas Filosóficas sobre o Dogmatismo e o Criticismo, de 1795, Schelling deparou-se com o problema da contradição e/ou oposição entre natureza e espírito, necessidade e liberdade; e também desde o início enxergou o pensador na arte não uma via, mas talvez a única via para a resolução dessa dicotomia. Rubens Rodrigues Torres Filho, no texto O Simbólico em Schelling, comenta: "O "primeiro sistema verdadeiramente universal", aquele que, indo do elemento mais simples da natureza até a complexidade da arte, será capaz de reunir "os dois extremos mais opostos do saber" (SW, IV, 89), terá de dividir-se em uma física (correspondente à filosofia da natureza, também chamada de "física especulativa") e uma ética (correspondente ao idealismo transcendental); mas só encontrará seu acabamento e seu fecho na confluência das duas, unificando-se em uma poética ou "sistema da arte" (SW, V, 92). Só assim poderá aspirar à totalidade de um conjunto orgânico." (Torres Filho, Ensaios de Filosofia Ilustrada, p. 121).   |                 |
| A resolução ou absolvição da contradição e separação entre natureza e história em um "sistema da arte" é o reconhecimento do caminho necessário ou natural que esta contradição deve tomar; não é para Schelling, de nenhuma maneira, a proposição de que o fazer poético, de que uma obra advinda do engenho de um indivíduo possa dar cabo dessa contradição, apresentando-se como solução estética para a separação das disciplinas filosóficas, da física e da ética. Do mesmo modo, a exegese ou hermenêutica da arte, seja ela da arte moderna, fruto do gênio individual, ou da antiga mitologia, fruto do gênio da espécie, do indivíduo universal que foi, sobretudo e antes de tudo, Homero, não é tão pouco o caminho para que a Poesia e a Arte se justifiquem enquanto a solução ou o fim último dessa contradição. Em verdade, para Schelling, tal contradição não é um problema, no sentido de uma obstrução ou empecilho, que deva ser superado por nenhuma via dialética ou qualquer outra. Em si mesmas, natureza e história são já mitológicas – e como exatamente compreendemos isto? O caráter poético ou produtivo da poesia é, por conseguinte, a conformação na unidade real da atividade livre ideal da própria razão. A matéria da arte, a mitologia, é, pois, de certo modo, produzida pela arte, o que não significa "inventada" pela poesia, mas sim nela encontrando o testemunho privilegiado, senão único, da vida espiritual de um povo. Poesia e religião são, no mundo antigo, um mesmo; assim falam com clarividência os antigos sobre seus poetas, em especial Homero e Hesíodo, como aqueles que ensinaram os gregos sobre os seus deuses. |                 |
| Na Filosofia da Mitologia, Schelling afirma: "Não somos nós que colocamos a mitologia, mas a mitologia nos colocou na perspectiva a partir da qual, no momento, vamos considerá-la. O conteúdo desta conferência é, doravante, não mais a mitologia explicada por nós, é a mitologia como ela explica a si mesma [die sich selbst erklärende Mythologie]". Nas conferências que compõem esta obra póstuma, Schelling propõe que a experiência mitológica e os símbolos por ela gerados são auto-interpretativos. Símbolos míticos autênticos não são produzidos por uma inteligência reflexiva ou, de outro modo, erudição, a fim de criar um "mundo" ou "realidade" arbitrários, como um jogo ou brincadeira contidos em si mesmo pelo conjunto de regras que determina o que é e o que não é parte do "jogo". Para Schelling, o  |                 |

símbolo mítico tem origem na "imersão pré-reflexiva da alma humana na substância divina do cosmos" (Cf. Jerry Day, Voegelin, Schelling, and the Philosophy of Historical Existence).

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHELLING, F.W.J. Cartas sobre o Dogmatismo e o Criticismo. In: Obras Escolhidas. Trad. e org. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1989. [Col. Os Pensadores]

SCHELLING, F.W. J. Filosofia da arte. Trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp, 2001.

SCHELLING, F.W.J. Ausgewählte Schriften in 6 Bänden. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

SCHELLING, F.W.J. Historical-critical Introduction to the Philosophy of Mythology. Tradução de Mason Richey e Markus Zisselsberger. Albany, NY: SUNY Press, 2008.

SCHELLING, F.W.J. Philosophie de la Mythologie. Tradução de Alain Pernet. Paris: Jerome Millon, 1994.

SCHILLER, F. Teoria da Tragédia. Trad. de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.

SCHUBACK, M. S. C. O começo de Deus. Petrópolis: Vozes, 1995.

TORRES FILHO, R.R. O Simbólico em Schelling. In: Ensaios de Filosofia Ilustrada. São Paulo: Iluminuras, 2004.

### 4. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Um trabalho escrito.

APROVAÇÃO DO CONSELHO ACADÊMICO